



BIBLIOTECAS
DE LISBOA

DIÁRIO DE LISBOA: EDIÇÃO MENSAL — mensário lisboeta complementar ao diário que lhe dava título, foi uma brevíssima iniciativa editorial que durou apenas quatro números, publicados entre 15 de maio e 10 de agosto de 1933, relativos aos meses de abril a julho desse ano¹.

Absolutamente subsidiária da edição regular do *Diário de Lisboa* nos seus aspetos administrativos, redatoriais e tipográficos — com direção de **Joaquim Manso (1878-1956)**, administração e edição de **Manzoni de Sequeira**, administração instalada na Rua da Rosa, 57, 2º, redigida, composta e impressa na Rua Luz Soriano, n.º 48, e propriedade da Renascença Gráfica —, esta edição mensal, com preço de 2\$50 escudos por número avulso² (a diária custava 30 centavos), apresentava-se num figurino regular de 32 páginas por número — acrescidas de quatro não numeradas em “extratexto”, em papel *couché* e muito ilustradas, insertas entre as páginas 16 e 17 e dedicadas à reportagem iconográfica de dois ou três temas³ —, impressas a três colunas (com exceção das páginas de abertura de cada secção, a duas) e ilustradas.

Em todos os exemplares, as duas páginas finais eram invariavelmente dedicadas a “A Caricatura em Portugal” (página 31) e a “A Caricatura no Estrangeiro” (página 32) e, como tal, exclusivamente preenchidas por reproduções de espécimes iconográficos. Cada número era composto de capa e contracapa, figurando naquela, para além do cabeçalho e da “descrição” de matérias⁴, a partir do n.º 2, um “Sumário de alguns artigos”; na contracapa⁵, a estrutura da publicação, sua natureza e condições de venda, assim:

«O Diário de Lisboa (edição mensal) procura elucidar o público de uma maneira sintética e completa de todos os factos, acontecimentos e ideias, inventos, modas, de tudo enfim o que acontece e vai pelo mundo. Procura preencher uma lacuna, como é uso dizer-se, procura ser útil e, por isso, se o público o ajudar, melhorará todos os números as suas secções.

¹ Respetivamente: n.º 1, relativo ao mês de abril, publicado a 15 de maio; n.º 2, referente a maio, publicado a 10 de junho; n.º 3, reportando-se ao mês de junho, publicado a 10 de julho; e n.º 4, relativo a julho, publicado a 10 de agosto.

² A assinatura semestral custava 15\$00 e a anual 25\$00.

³ N.º 1: “O mês artístico – 30ª Exposição de Belas Artes”, “O Mês gráfico nacional”, “O mês no Estrangeiro”; n.º 2: “O mês oficial”, “O Mês gráfico nacional”, “Vida Social”; n.º 3: “A Conferência Colonial Imperial”, “O Mês gráfico nacional”, “A aviação e as descobertas náuticas”; n.º 4: “O mês artístico”, “O Mês gráfico nacional”, “Sport, Vida & Ciência”.

⁴ «Artigos. - Notícias. - Informações. - Gravuras, desenhos, caricaturas, fotografias. - O que vai pelo mundo. - O que se passou em Portugal. - A Política, a Economia, o Direito, o Comércio, a Indústria e a Agricultura. - As Ciências. - A História e a geografia. - As Letras e as Artes. - A vida social, a vida feminina, a vida religiosa. - O riso, e a caricatura em Portugal e no estrangeiro. - A moda. - Os “sports”. - Os livros que se publicaram. - As conferências que se fizeram. - Os melhores artigos que se escreveram. - As leis. - As “prémieres”. - As exposições. - Os concertos. - Os que triunfam. - Os que morreram. - O que se fez. - O que se disse. - O que se pensou. - O que se viveu. - A vida de um mês. - Um mês de vida nacional e estrangeira».

⁵ A partir do n.º 2, a contracapa ostentou no seu interior publicidade às edições da proprietária do *Diário de Lisboa*, a Renascença Portuguesa.

Colaboração especializada, advogados, professores, médicos, engenheiros, literatos, artistas, músicos, homens da finança e homens do comércio, homens do mar e da guerra, aviadores e industriais, todos enfim que representem um sector da vida moderna, todos serão buscados para darem o seu saber, iluminarem o seu sector com as luzes da sua experiência e o saber de uma vida a ele devotado. Este número é um ensaio. Bom? Procurará melhorar. Mau? Faremos o possível por que seja bom.

O DIÁRIO DE LISBOA (edição mensal) dividir-se-á nas seguintes secções:

- I -- Ciências sociais e políticas. Direito.
- II -- Comércio, Indústria, Tecnologia, Agricultura.
- III -- Ciências.
- IV -- História e Geografia.
- V -- Letras.
- VI -- Arte.
- VII -- Vida social.^[6]

O DIÁRIO DE LISBOA (edição mensal) receberá de bom grado informações e sugestões dos seus leitores, indicações de nomes para a sua expansão, etc.

Desenvolverá as suas secções, procurando evitar o desequilíbrio que é óbvio os seus primeiros números não de ter; procurará enfim servir de órgão orientador e informativo dos homens que desejam uma vida retrospectiva que mês a mês os ponha a par de tudo, e lhes preencha as lacunas que o tempo, os afazeres, ou o dinheiro, a todos estabelece. [...]»

A este respeito, o editorial de “Abertura” ao n.º 1 explicitava as intenções do mensário:

«Sai hoje o primeiro número da edição mensal do Diário de Lisboa. Era uma necessidade, nos tempos que vão correndo, em que as criaturas, [não] tendo tempo de se desensimesmarem da sua luta pela vida, perdem o contato com o seu mundo exterior ou o restringem a um âmbito cada vez mais estreito e confinado. Tempos apressados e de levantar em que os acontecimentos se sucedem, não havia entre nós um jornal retrospectivo e de síntese em que rapidamente a vida se pudesse inventariar para estar em dia com o que vai pelo mundo. Depois o “Diário de Lisboa” mensal pretende ser o leitor, o secretário do leitor. Ao fim do mês contar-lhe-á tudo o que sucedeu, tudo o que se realizou, factos e acontecimentos que se deram, livros que se publicaram, pessoas que morreram, ciência que progrediu, tudo enfim o que marca na vida ou na bisbilhotice universal. E isso, além da elucidação constituirá também uma lembrança para estar continuamente em dia, não deixando de comprar o último livro, ou de prever no horizonte a próxima guerra. Não intenta imitar nenhum jornal, nenhuma revista, nenhuma ideia. A necessidade o criou, pretende apenas satisfazer essa necessidade. Este primeiro número é apenas um “tentâmen”. Se o público inteligente para quem ele é criado nos ajudar, a sua missão definir-se-á com precisão e ele virá a ser qualquer coisa de notável, Buscará técnicos cooperadores, o homem que sabe de cada coisa, para falar de cada coisa, receberá avisos, sugestões e indicações do público, e o público é um precioso colaborador, melhorará a sua parte gráfica, secções ainda indefinidas terão o seu desenvolvimento condigno, buscará enfim criar um elemento de estudo e de trabalho que busque tudo e tudo informe, devidamente arrumado e sem exageros de palavras ou de espaço descrito. Será neutral.

Neutral e imparcial em matéria de política e de religião ele procurará relatar factos. Quando expandir ideias, essas terão uma assinatura por debaixo e marcarão o pensamento de um nome cotado cujo alvitre é sempre bom ouvir. Procurará enfim servir o público. Este se quiser ser servido ajudá-lo-á. E nós aqui estamos para o servirmos cônscios de que alguma coisa fizemos para a cultura popular, a cultura dos que não têm tempo nem dinheiro para ler dezenas

⁶ Esta divisão temática seria desenvolvida a partir do n.º 2, no interior da capa, com o desdobramento de cada alínea em subtemas, assemelhando-se a estrutura formal de conteúdos a uma classificação decimal de matérias.

de jornais e consultar centenas de revistas. Vence? Será uma bela cousa realizada. Acaba por falta de incentiva? [sic] Fracassa?

Nem por isso fica na nossa consciência, sem azedume, a certeza de que cumprimos o nosso dever. E isto dito, vamos começar.»⁷

A este vastíssimo escopo com que se apresentava o número inaugural, veio a direção do mensário fixar alguns limites realistas no exemplar seguinte, “agradecendo” a boa receção dos congéneres e do público, a tiragem quase esgotada do anterior e esclarecendo que «O *Diário de Lisboa*, edição mensal, não é uma revista que publique artigos sobre várias coisas. **É apenas uma revista que trata só, e apenas, do ocorrido no mês transacto: nas ciências, nas artes e nas letras.**»⁸

De facto, a leitura da “Apresentação” do mensário deixava larga margem de expectativa de que este se tratasse de uma publicação de atualidades noticiosas, de reportagem, de debate sobre temas candentes da vida corrente em todas as suas modalidades, numa perspectiva mais lata do que a possibilitada pela periodicidade diária.

Em suma, o título e o prospeto poderiam fazer supôr que se tratava de um **Diário de Lisboa** potenciado ao fôlego de um mensário. Não o era. A classificação esquemática das secções (levada a rigores de despropósito) indiciava já um teor pouco espontâneo, um espartilhamento pouco dado à fluidez de um periódico generalista vivo e dinâmico. A leitura continuada destes breves quatro números⁹, no seu ensimesmamento temático, na sua ausência

⁷ N.º 1, p. 1.

⁸ N.º 2, p. 2.

⁹ O conteúdo dos 4 números deste título foi:

— N.º 1: pp. 1-2, “O mês de abril na tradição popular”, em jeito de almanaque; pp. 2-3, “O primeiro de abril dia das mentiras”, fazendo eco da partida do *Diário de Lisboa*, que noticiou um fantasioso duelo entre Alfredo Pimenta e Lopes Vieira, com montagem fotográfica que aqui se reproduzia; pp. 3-4, secção “I – Ciências Sociais e políticas. Direito”, o artigo subordinado à área “a) Sociologia”, “O Capitalismo: seu passado, seu presente e seu futuro. – Lição no Instituto dos Altos Estudos”, por **Bento Carqueja**, com caricatura deste por **Teixeira Cabral**; p. 5, “b) Política internacional”, não assinado, com caricaturas anti-sionistas de Raemeckis, terminando num apontamento sobre “A Arte na Alemanha hitleriana” com reprodução de caricatura de origem checa; pp. 6-7, “c) Economia nacional: a vida do Estado”, com um resumo da vida política, institucional e legislativa nacional do mês, com reprodução de caricatura italiana; pp. 8-9, “Bolsa e Câmbios”, com artigo de **João Marques Pereira** seguido de breves sobre o tema; p. 11, “II – Comércio, indústria, tecnologia. Agricultura”; pp. 12-15, secção “III – Ciências”, na qual se alude a “O Congresso de Anatomia” (realizado em Lisboa) com introdução de **Henrique de Vilhena** e transcrição integral do discurso de abertura deste autor no dito Congresso; pp. 15-21, secção “IV – História e Geografia”, onde se inclui um artigo dedicado a “A XXII reunião do Instituto Colonial Internacional” e se reproduz o discurso do ministro das Colónias nesta reunião, matéria pontuada por caricaturas anti nazis de autores estrangeiros; pp. 21-26, secção “V – Letras”, onde se inclui um artigo sobre “A língua portuguesa”, de **Adelino Mendes**, transcrito de *O Século*, pontuado por caricatura anti nazi estrangeira; pp. 27-30, secção “VI – Arte”, também ela pontuada por caricatura estrangeira; p. 30, secção “VII – Vida Social”; pp. 31-32, inteiramente dedicadas à “A Caricatura em Portugal” (reproduções de trabalhos de **Valença**, **Amarelhe** e outros, retirados do *Sempre Fixe*, *Diário de Notícias*, *Diário de Lisboa* e *Primeiro de Janeiro*), e à “A Caricatura no Estrangeiro”; — N.º 2: pp. 3 e 4, transcreve-se do *Diário de Notícias* artigo de **Ramada Curto** sobre “O 1º de Maio e a produção”; na p. 7, artigo de **João Marques Pereira** sobre “Bolsa e Câmbios”; nas pp. 8-9, “A

de colaboração dedicada e fulgurante, na sua escassez de substância pertinente à vida quotidiana, revela um **mensário conformado em repositório de comunicações académicas, um arremedo de almanaque misturado com diletâncias de acaso, um entretenimento frio** de alcance limitado com exíguo poder de atração sobre o público leitor regular do quotidiano *Diário de Lisboa*. Mesmo em relação às “ciências, artes e letras”, especialização de recuo apresentada ao segundo número, esta edição mensal deixava muito a desejar. A cobertura fotográfica de temas e acontecimentos, concentrada nas páginas extratexto, era escassa e pouco expressiva; a atenção dada à caricatura nacional, conquanto assinalável, não chegava ao limiar da simples divulgação; a publicação de caricatura estrangeira, confinada à temática alemã-nazi, era instrumental e ilustrativa, não correspondendo, nem de longe, a um panorama do que se fazia fora de Portugal.

Em conclusão, a aventura breve do *Diário de Lisboa* mensal **saldou-se pelos benefícios de uma atenção regular ao fenómeno nazi que ascendia na Alemanha**, expresso em texto e em ilustração, de alguma informação

defesa nacional” por **Maurício de Oliveira**; na p. 10, **Francisco António Correia** discorre sobre “A cláusula da nação mais favorecida”; nas pp. 12-13 **A[lp]honse Luisier** escreve sobre “Botânica”; nas pp. 13-14, **Borges de Sousa** sobre “Foto receção e acomodação”; nas pp. 15-16 transcreve-se conferência de **Queirós Veloso** sobre “O Cardeal D. Henrique Rei de Portugal”; pp. 16-17, “Cartografia Portuguesa Antiga”, lição de **Armando Cortesão** no curso superior de bibliotecário arquivista; pp. 18-20, “O Descobrimento do Brasil visto pelos náuticos da vela”, por **Gago Coutinho**, transcrito do *Diário de Lisboa*; pp. 21-22, homenagem a Sílvio Rebelo, por **João de Barros**; pp. 23-24, “Eça de Queirós no estrangeiro”, por **Valery Larbaud**, prefácio à edição francesa de *A Relíquia*; pp. 24-25, “O Romance, a ficção e a verdade”, por **Frédéric Boutet**, transcrito de *O Primeiro de Janeiro*; p. 30, “Sports e Educação Física”, por **Mário Rosa** — todos estes textos pontuados por caricaturas estrangeiras alusivas à situação internacional, particularmente ao nazismo em ascensão na Alemanha. Termina com as habituais secções de “A Caricatura em Portugal” (**Valença**, retirado do *Sempre Fixe*, e **Stuart**) e “A Caricatura no estrangeiro”; — N.º 3: p. 4, “Bolsa e câmbios” por **F.S.**; pp. 6-7, transcrição da conferência sobre a história da indústria nacional, por **Ferreira da Costa**; p. 8, “História da Física Médica em Portugal”, introdução de obra a publicar por **Silva Carvalho**; pp. 10-11, “O vestuário português na Idade Média”, por **Quirino da Fonseca**, comunicação à Academia das Ciências de Lisboa; pp. 11-12, “Heráldica de soberania do Império Português de Além-Mar”, por **Afonso de Dornelas**, comunicação à Academia das Ciências de Lisboa; pp. 20-21, “Peço Desculpa...”, por **Brito Camacho**, transcrito do *Diário Liberal*; pp. 21-22, “A Feira do Livro”, por **Belo Redondo**; pp. 27-28, “Soalheiras e desportos [sic]”, por **Ricardo Jorge**, transcrito do *Diário de Notícias* — todos estes textos entremeados por caricaturas estrangeiras particularmente relativas ao nazismo em ascensão na Alemanha. Termina com as habituais secções de “A Caricatura em Portugal” (retiradas do *Sempre Fixe*, e **Stuart**) e “A Caricatura no estrangeiro”; — N.º 4: pp. 3-6, “A Conferência Monetária e Económica de Londres: resumo dos trabalhos realizados”, por **A.F.L.**, anunciando continuação que não haverá; p. 6, “Bolsa e Câmbios”, por **F.S.**; pp. 7-9, “Expansão económica mundial. 1 – razões históricas...”, conferência de **Roque da Fonseca**; p. 10, “Estudo sobre o tabaco”, de **Pereira Forjaz**, comunicação à Academia das Ciências de Lisboa; pp. 10-12, “Fibromas naso-faríngeos: novo processo de os operar”, por **João Santana Leite**; pp. 12-13, “Farmácia: a sua separação da Medicina”, por **Adolfo Teixeira**; pp. 14-16, “Os Descobrimentos Portugueses”, por **Gago Coutinho**; pp. 17-18, “Humanismo”, por **Joaquim Manso**, comunicação à Academia das Ciências de Lisboa; pp. 18-20, “Frescura do Bundo”, carta de **Ricardo Jorge** a Vicente Ferreira; pp. 24-25, “Magia do Silêncio”, discurso na inauguração da Bib. Mun. de Alcântara por **Joaquim Leitão**; pp. 29-30, “Desportos [sic] e Educação Física”, por **Mário Rosa** — textos como habitualmente pontuados por caricaturas estrangeiras alusivas à situação na Alemanha; seguem-se a pp. 31-32 as habituais secções de “A Caricatura em Portugal” (**Stuart**, **Almada e Dourdil** retiradas do *Sempre Fixe*) e “A Caricatura no estrangeiro”.

económica, bolsista e cambial e, em menor escala, de um módico de divulgação à prática desportiva. Um saldo muito magro para empreendimento tão ambicioso, para mais escorado em título diário de renome, que sem dúvida terá ditado o seu fim ao cabo de apenas quatro meses de publicação.

Por Pedro Teixeira Mesquita

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 23 de dezembro de 2014